

A especulação com criptomoedas, agora com apoio oficial

Marcelo Montanini 19 de fevereiro de 2025(atualizado 19/02/2025 às 09h43)

Javier Milei é alvo de investigação judicial por seu envolvimento num escândalo com um criptoativo. Donald Trump lançou a sua própria memecoin. Os dois casos geraram controvérsia

FOTO: Reprodução/X/@JMilei 30.01.2025



Hayden Mark Davis, da Kelsen Venture, e Javier Milei, presidente da Argentina, depois de reunião na Casa Rosada

Javier Milei é alvo de investigações judiciais e um pedido de impeachment após se envolver num escândalo com criptomoedas, que ele impulsionou na sexta-feira (14) numa publicação no X. O ativo digital se valorizou e despencou abruptamente, fazendo milhares de pessoas perderem dinheiro e jogando o presidente argentino numa crise.

Semanas antes, às vésperas de tomar posse no segundo mandato como presidente dos EUA, Donald Trump lançou a sua memecoin, que, igualmente, foi precificada em bilhões de dólares e se desvalorizou em poucas horas. Apesar da polêmica, não houve reação judicial ou

política. Além disso, o republicano prometeu criar um ambiente regulatório favorável para o setor.

Neste texto, o **Nexo** explica os casos de Milei e de Trump e como o setor de criptomoedas se empodera com eles no poder.

Criptogate de Milei

Milei impulsionou na rede social uma criptomoeda chamada \$Libra, que seria um projeto privado utilizado para incentivar a economia argentina, financiando pequenas empresas e projetos de startups. Ele forneceu o link para a página para investir no ativo.

De modo genérico, criptomoeda é o nome dado para ativos digitais — ou seja, uma mercadoria que não existe fisicamente. São representados por códigos que combinam letras e números, utilizam criptografia e operam num sistema de pagamento descentralizado — ou seja, não é gerido por uma instituição, como um governo ou um banco central, mas por uma comunidade dispersa na internet.

Esse ativo digital é negociado e vendido a outros usuários no blockchain, um tipo de livro-razão digital que cria um registro público de cada transação.

Diferentemente do [bitcoin](#), por exemplo, que surgiu em 2009 com o objetivo de ser uma alternativa às moedas tradicionais com transações sem intermediários, a \$Libra é uma memecoin, um tipo de criptomoeda inspirada em piadas ou assuntos do momento, mas sem nenhum valor real.

Após a publicação de Milei, a \$Libra alcançou um valor de mercado de US\$ 4,5 bilhões. Pouco tempo depois, o presidente argentino excluiu a publicação. A criptomoeda despencou mais de 90%, deixando milhares de investidores no prejuízo.

Milei [afirmou](#) na madrugada do sábado (15) no X que “não estava ciente dos detalhes do projeto” e acrescentou que, ao tomar conhecimento deles, decidiu não continuar a divulgá-lo. Ele também descartou qualquer conexão com a empresa.

A criptomoeda foi criada pelas empresas americanas Kelsen Ventures e KIP Network. O presidente argentino se reuniu pessoalmente com

diretores das empresas em outubro de 2024 e em 30 de janeiro de 2025.

Em meio ao aumento das críticas, o gabinete de Milei [anunciou](#) no sábado (15) no X que o presidente argentino “decidiu acionar imediatamente o Escritório Anticorrupção para apurar se houve conduta imprópria por parte de algum membro do governo nacional, incluindo o próprio”.

O bloco de oposição União pela Pátria, de centro-esquerda, entrou com ações judiciais e um pedido de impeachment contra Milei. Para o processo de destituição ser aberto, são necessários 129 votos dos 257 deputados da Câmara, o que não deve acontecer.

A ex-presidente Cristina Kirchner [afirmou](#) no X que Milei é um “golpista de criptomoedas” e que “operou como gancho para um golpe digital”. O ex-presidente Maurício Macri, aliado de Milei, disse que o caso era grave e que o presidente argentino estava mal assessorado.

O senador Martín Lousteau, do partido de centro-direita União Cívica Radical, [destacou](#) que “esta é a segunda vez que Milei, com mandato público, anuncia criptoativos que acabam sendo uma fraude”.

Em 2021, quando era deputado, Milei promoveu a plataforma CoinX, que oferecia lucros mensais de 8% em dólares. Atualmente, a plataforma está sob investigação.

A Justiça argentina investiga se Milei cometeu crime ao promover a memecoin. Entre o [rol de possíveis crimes](#) cometidos pelo presidente argentino, estão fraude, associação criminosa, negociações incompatíveis com o cargo de presidente, além de violação à lei de ética pública. Ele [também foi denunciado](#) no Departamento de Estado americano e no FBI, a polícia federal americana, por fraude.

O jornal argentino La Nación [publicou](#) na terça-feira (18) troca de mensagens entre os empresários envolvidos no esquema. Numa delas, o americano Hayden Davis, da Kelsier Ventures, afirmava que tinha o “controle” sobre o governo Milei e que fazia pagamentos à irmã do mandatário, Karina Milei, secretária-geral da Presidência. O jornal destacou que não conseguiu comprovar a veracidade das mensagens. A Casa Rosada não se manifestou.

O caso Trump

Em 17 de janeiro, três dias antes da [posse para o segundo mandato](#) como presidente dos EUA, Trump lançou a sua própria memecoin, a \$Trump, que passou a valer cerca de US\$ 15 bilhões em valor de mercado em cerca de três dias. Em 19 de janeiro, sua esposa, Melania, também lançou uma moeda semelhante, a \$Melania, que chegou a US\$ 2,1 bilhões.

FOTO: Molly Riley/The White House 12.02.2025



Donald Trump em evento no Salão Oval da Casa Branca

O preço da \$Trump caiu 75% e da \$Melania, 90%, em poucas horas, fazendo milhares de pessoas perderem dinheiro — algo relativamente semelhante ao ocorrido com Milei. O americano destacou que se tratava de uma memecoin própria, enquanto o argentino divulgou o ativo digital como algo para o bem do país.

As iniciativas foram coordenadas pela CIC Digital LLC, uma afiliada da Trump Organization, que anteriormente vendeu produtos como sapatos e fragrâncias com a marca Trump.

Nem Trump nem Melania foram alvos de investigações judiciais.

‘Puxada de tapete’

Tanto o caso de Milei quanto os de Donald e Melania Trump levantaram suspeitas de ter ocorrido um golpe conhecido como “rug pull”, ou “puxada de tapete”, uma prática fraudulenta muito comum no universo das criptomoedas.

Os criadores de uma criptomoeda incentivavam investidores a comprarem o ativo. Após atrair um grande volume de investidores e inflar artificialmente o valor do criptoativo artificialmente, eles vendem suas aplicações, resultando numa queda abrupta do valor. Ou seja, puxando o tapete dos milhares que investiram posteriormente, que ficam no prejuízo.

Os acenos de Trump ao setor

Sob o governo Joe Biden, a SEC (análoga à Comissão de Valores Mobiliários brasileira), agência que regula o mercado de capitais nos EUA, buscava dar mais transparência e eliminar conflitos de interesses na indústria. A agência entrou com diversas ações judiciais argumentando que as criptomoedas deveriam estar sujeitas às mesmas regras que regem ações e títulos das Bolsas de Valores.

Diante disso, a indústria de criptoativos apostou na eleição de Trump em 2024, participando e financiando com cerca de US\$ 170 milhões a campanha do republicano. O presidente americano, que chamou [bitcoin de “golpe”](#) em entrevista à Fox Business em 2021, passou a prometer uma abordagem mais flexibilização e permissiva para o setor.

Ele nomeou David Sacks, ex-diretor da plataforma PayPal, para comandar o Conselho Consultivo do Presidente para Ciência e Tecnologia, com o objetivo de elaborar políticas sobre inteligência artificial e criptomoedas. Sacks também vai comandar o [grupo de trabalho sobre ativos digitais](#) e a avaliação da “criação de um estoque estratégico nacional de moedas digitais”.

Durante a campanha, Trump prometeu, sem dar detalhes, tornar o bitcoin num ativo de reserva. Não ficou claro o que ele queria de fato. Ativo de reserva é um recurso crítico que pode ser usado em tempos de crise. Normalmente, os países têm suas reservas em petróleo ou em ouro. Atualmente, os EUA têm cerca de 200 mil bitcoins sob sua

propriedade, que foram apreendidos por meio de investigações criminais.

Segundo a revista britânica Financial Times, o preço do bitcoin está sendo negociado atualmente em torno de [seu ponto mais alto](#) desde que foi criado em 2009 — mas uma análise mais detalhada mostra um histórico de preços crescentes, geralmente seguidos por quedas acentuadas. Essa alta é reflexo do anúncio de Trump sobre o estoque nacional.

US\$ 96,4 mil

foi [o valor de um bitcoin](#), de acordo com o fechamento em 18 de fevereiro — o valor chegou a US\$ 106 mil em 17 de janeiro, quando Trump lançou sua criptomoeda, e em 21 de fevereiro, um dia depois da posse do republicano

Trump nomeou interinamente para a SEC o republicano Mark Uyeda após a renúncia do então diretor Gary Gensler. O presidente americano anunciou em dezembro de 2024 que vai indicar em caráter permanente o ex-diretor da agência Paul Atkins, defensor da desregulação e da flexibilização nas medidas para o mercado financeiro. Ele precisa ser aprovado pelo Senado americano.

Erik e Donald Jr., filhos do presidente americano, também têm empreendimentos em criptomoedas. Elon Musk, CEO do X, da Tesla e da SpaceX, também lançou a sua criptomoeda, a Dogecoin. Atualmente, Musk comanda o Departamento de Eficiência Governamental, comitê consultivo cuja sigla, Doge, faz alusão ao memecoin dele.

A relação entre criptomoedas e extrema direita

Edemilson Paraná, professor de economia política da LUT University, na Finlândia, e autor do livro “[Bitcoin: a utopia tecnocrática do dinheiro apolítico](#)” (Autonomia Literária, 2020), disse ao **Nexo** que “a criptomoeda é a materialização técnica de uma teoria econômica e filosofia política radical, o anarcocapitalismo”.

Em resumo, trata-se de uma vertente extrema do liberalismo econômico que defende a abolição total do Estado em favor da propriedade privada e do livre mercado.

Paraná afirmou que a ideia por trás desse ativo digital é criar um dinheiro sem qualquer controle do Estado, o que casa com ideias de liberais radicais, como Ludwig von Mises e Friedrich Hayek, economistas da Escola Austríaca.

O professor da LUT University destacou ainda que esses criptoativos surgiram “como sintoma ideológico de um período de crise financeira mundial, de 2009”, que foi marcado pelo “contexto de descrença nas instituições”.

O sinal verde para fraude

Sob pouca regulação e controle, as criptomoedas são conhecidas por serem usadas como um meio de contornar instituições financeiras tradicionais.

As sinalizações de Trump de flexibilizar ainda mais um setor pouco regulado dão “sinal verde” para pessoas intensificarem o uso de criptomoedas para ocultar seus patrimônios ou para especuladores aplicarem golpes sem serem fiscalizados.

“Estamos numa economia global financeirizada e hiperconectada. Essas criptomoedas servem para beneficiar bilionários globais e oligarcas, com ocultação de riquezas, evasão fiscal e atividades duvidosas. O sistema é difícil de ser identificado e opera à margem da regulação, da lei”, afirmou Paraná.

“Não é defeito do sistema, mas foi feito para ser assim. Com base nessa filosofia política, fugir dos tributos é algo desejável e positivo”, completou.

Paraná também destaca que o envolvimento de presidentes de países relevantes, como os EUA e a Argentina, com propaganda de criptomoedas é um escândalo sem precedentes. Eles usam a visibilidade do cargo e as ações para potencialmente lucrar, ao mesmo tempo em que seus governos propõem um ambiente regulatório favorável para esses ativos digitais.

“Atores envolvidos em absolutos escândalos de conflito de interesse abusivos. São agentes políticos que agem e lucram econômica e politicamente com suas ações como agentes públicos”, afirmou Paraná.

Outros casos

O presidente de El Salvador, Nayib Bukele, de extrema direita, transformou o bitcoin em moeda legal do país em setembro de 2021. Porém, ele deixou de ser uma moeda oficial em janeiro de 2025 após a aprovação de uma reforma na Lei de Bitcoin, proposta pelo Executivo.

O país centro-americano alterou a legislação para obter empréstimos do FMI (Fundo Monetário Internacional), mas o presidente continua sendo um entusiasta das criptomoedas.

Antes da reforma, comércios, empresas e instituições públicas eram obrigadas a aceitar pagamentos em bitcoin. Agora, essa aceitação é opcional. Além disso, não é mais possível pagar impostos com a criptomoeda.

No Brasil, apoiadores de Jair Bolsonaro também lançaram uma memecoin, a Patriota Coin. Em seu perfil oficial no X, os criadores definem o token como um “símbolo de colaboração, pertencimento e progresso”. Numa publicação na mesma rede social, dizem que o criptoativo é “imorrível, imbrochável, incomível e intributável”. O ex-presidente nunca divulgou o projeto em suas redes sociais.

Fonte:

<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2025/02/19/especulacao-criptomoeda-milei-trump>